

Música e ancestralidade africana no Espetáculo da Casa da Mãe Joana

Modalidade: Relato de Experiência

Subtema: Juventude e Produção Cultural

Palavras-chaves: música, cultura, ancestralidade africana

Autora: Aurilene Pereira de Jesus/Universidade Federal do Ceará

Coautor: Jonas Pereira de Jesus/Coletivo de Culturas Juvenis

Com esse trabalho objetivamos apresentar o relato da experiência da montagem do espetáculo musical “A Casa da Mãe Joana” como resultado de atividades focadas na musicalidade gestada no ritmo dos batuques, cantos e corpos descobertos nos envolvimento durante vivências ritualísticas com as “famílias” das “Casas Terreiros” do Pici, bairro da periferia da cidade de Fortaleza-CE, em especial com a família da “Casa Terreiro” de ambiência espiritual direta dos proponentes, os filhos da Mãe Joana, sendo também o lugar de morada d@s mesm@s. Pretendemos socializar um fazer pautado no universo da cultura afro-brasileira que vem contribuindo com o pertencimento étnico e cultural da juventude envolvida, movimentando-@s em direção ao reconhecimento de suas identidades afro-ancestrais, referenciando-se pela Filosofia da Ancestralidade (Eduardo Oliveira). O espetáculo musical A Casa da Mãe Joana não pretende ser uma produção religiosa, mas reconhece a ambiência do lugar espiritual e, sob a autorização da matriarca, busca lançar um “vôo de liberdade” em direção ao reencontro dos valores ancestrais, concordando com a reflexão de que “a cultura é o movimento da ancestralidade”. A gestação das ideias metodológicas se faz e refaz na leitura lúdica de mundo guiada pela trilha dos caminhos cotidianos rumo ao encontro de auto-realização, auto-afirmação étnica e familiar a partir dos viveres dentro e fora da “Casa Terreiro”, ora nos cultos particulares aos caboclos e orixás, ora nas apresentações experimentadas e no envolvimento com os festejos nos desfiles carnavalescos de afoxés e maracatus da cidade, as festas de negros. É, portanto, do chão do viver do terreiro, do en-canto envolvido pelas batidas do batuque do tambor e da natureza musical das giras feitas nas casas e/ou casebres de santos e serras dos arredores da região, que nós jovens buscamos uma estética para compor um repertório de cenas musicais a serem trabalhadas nos ensaios e nas aparições públicas do grupo, contribuindo com a visibilidade do universo artístico e cultural do Terreiro no cenário local, sendo essa uma

via de mão dupla, uma vez que nos fortalecemos nesse contato. Na feitura desse processo contamos com um agrupamento jovem de dentro e de fora da espiritualidade afro-brasileira que residem na geografia do Pici e adjacências, e com o apoio de organismos coletivos da comunidade local como os próprios terreiros situados na região, o Grupo JUJA - Jovens Unidos do João Arruda, o Espaço Cultural Frei Tito de Alencar – ESCUTA, o Maracatú Nação Pici, a Ong DIACONIA a partir do diálogo com o Coletivo de Culturas Juvenis - CCJ. Concluimos que tem sido um desafio constante fechar o círculo de um espetáculo que vem se fazendo pronto no diálogo com as multipolaridades da Cosmovisão Africana, visto os resultados provocativos que esta relação tem suscitado n@s jovens, proponentes da experiência, uma vez compreendida a dificuldade de manter-se na situação de distanciamento frente às subjetividades vividas.